



ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO GEOGRÁFICO NO ENSINO FUNDAMENTAL: DA UNIVERSIDADE À ESCOLA, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O ESPAÇO VIVIDO

Glória Virgínia Dias de Moura ¹
Maria Vitoria Santiago ²
Jeane dos Santos Brasilino Souza ³

RESUMO

Este relato de experiência apresenta uma intervenção pedagógica desenvolvida com uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública da cidade do Recife ⁴, com foco no ensino de Geografia a partir do estudo dos corpos hídricos do entorno escolar, especialmente o Rio Capibaribe. O principal objetivo foi promover o letramento geográfico dos estudantes, estimulando a reflexão sobre a importância da água, seus usos e a conservação ambiental. Para isso, foram utilizadas metodologias ativas e interdisciplinares, como vídeos, mapas digitais, formulários interativos e a construção prática de um filtro de água. A abordagem qualitativa, com características de pesquisa participante, permitiu observar a participação ativa dos alunos, o desenvolvimento do pensamento crítico e a contextualização dos conteúdos com o espaço vivido. O trabalho foi fundamentado nos estudos de Callai (2005), Libâneo (2004), Batista (2021) e Silva e Silva (2021), que destacam a importância da autonomia docente, da articulação entre teoria e prática e da valorização do lugar no ensino de Geografia. Os resultados apontam a relevância de práticas pedagógicas que integrem teoria e prática, valorizem o protagonismo discente e reforcem a necessidade de uma formação docente sólida e crítica desde os anos

Palavras-chave: Ensino de Geografia, letramento geográfico, autonomia docente, metodologias ativas, espaço vivido.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, gloriadias.virginia@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, mariavitoria.santiago@ufrpe.br;

³ Pós-graduada em Tecnologias na Educação e Psicopedagogia Institucional - Universidade Vale do Acaraú - UVA, jeanebrasilino1@gmail.com;

⁴ Trabalho realizado no âmbito da pesquisa do PIBID – Núcleo Alfabetização da UFRPE.





INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental enfrenta inúmeros desafios, como a pouca valorização da disciplina no currículo escolar e a formação insuficiente dos professores para trabalhar os conteúdos de forma significativa. Como apontam Silva e Silva apud Callai (2010), a Geografia é muitas vezes relegada a segundo plano, o que contribui para lacunas na formação dos alunos e para a ausência de um letramento geográfico consistente. Essa situação reflete um ciclo vicioso que atravessa tanto os cursos de formação docente quanto a prática pedagógica nas escolas.

Entretanto, a Geografia, enquanto ciência social, é essencial para que os estudantes compreendam o espaço em que vivem, desenvolvam consciência crítica e atuem como sujeitos ativos na sociedade. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça esse papel ao indicar, desde o 3º ano do Ensino Fundamental, habilidades relacionadas à leitura de mapas, localização e interpretação do espaço vivido. Nesse contexto, é urgente repensar a prática pedagógica da Geografia, valorizando a autonomia docente e metodologias que coloquem o aluno como protagonista do processo de aprendizagem.

Considerando essa realidade e a experiência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), elaboramos uma sequência didática com uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública na zona oeste do Recife. A proposta teve como foco o estudo dos corpos hídricos do entorno escolar, especialmente o Rio Capibaribe, relacionando-o a questões ambientais e ao uso da água no cotidiano. Com atividades teóricas e práticas, como o uso de mapas digitais, vídeos, slides e a construção de um filtro artesanal, buscamos promover uma aprendizagem significativa, contextualizada e interdisciplinar.

Este relato apresenta a intervenção realizada, refletindo sobre os resultados observados e a importância de metodologias que articulem teoria e prática no ensino de Geografia, favorecendo a formação de estudantes críticos e conscientes do espaço em que vivem.

METODOLOGIA

A atividade foi aplicada em uma escola pública localizada na zona oeste da cidade do Recife (PE), em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental, no turno da tarde, cujo horário de funcionamento vai das 13h30 às 17h40. A turma é composta por 25 alunos, dos quais 20





participaram efetivamente da atividade. É uma turma que já vinha sendo acompanhada no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) desde o início do ano letivo. A pesquisa realizada segue uma abordagem qualitativa, com características da pesquisa participante e elementos da pesquisa-ação, focando na exploração do pensamento geográfico dos estudantes. Ao longo do acompanhamento da turma do 5º ano, observamos como os alunos compreendem e relacionam-se com os conteúdos da geografia, especialmente no que tange aos corpos hídricos e à importância da água. A partir dessas observações elaboramos e aplicamos uma intervenção pedagógica que buscou ampliar a compreensão dos estudantes, promovendo reflexões e atividades práticas para desenvolver seu letramento geográfico. As imagens utilizadas neste artigo foram registradas durante as atividades do projeto e contam com autorização de uso de imagem concedida pelos responsáveis legais dos(as) estudantes retratados(as), conforme termo de consentimento livre e esclarecido assinado previamente. A pesquisa não apresenta riscos aos participantes e respeita os princípios éticos conforme orientações vigentes.

A sequência didática foi desenvolvida ao longo de dois dias, com duração aproximada de duas horas por dia. As ações foram planejadas de forma a promover a interdisciplinaridade e a aprendizagem ativa, com momentos de investigação, observação, experimentação e reflexão.

Os recursos utilizados para a realização do plano foram diversos e atenderam a diferentes etapas da proposta. A televisão foi utilizada para a exibição de um vídeo da plataforma YouTube, que serviu como introdução ao tema. Em seguida, os alunos utilizaram Chromebooks para realizar uma investigação no Google Earth e responder a um formulário interativo, o que permitiu maior envolvimento e compreensão geográfica do percurso das águas. Durante a explicação teórica sobre o processo de filtração da água, foram utilizados slides explicativos, que contribuíram para a visualização do conteúdo de forma mais didática. A parte prática contou com a montagem de um filtro artesanal, utilizando materiais como garrafa PET, pedra, carvão, areia, algodão e água, permitindo aos alunos vivenciar, de forma concreta, o funcionamento de um sistema de filtração, relacionando teoria e prática.

REFERENCIAL TEÓRICO





A geografia na escola atual tem sofrido grande desvalorização. Silva e Silva, apud Callai (2010), explica que a disciplina fica sempre em segundo plano. A prioridade está geralmente centrada em componentes curriculares como língua portuguesa e matemática; já a geografia é escanteada neste processo. Parece um ciclo vicioso, da academia ao chão da escola. O curso de Pedagogia, por exemplo, tem poucas disciplinas dedicadas ao ensino desta matéria. Em sua pesquisa, Silva e Silva (2018) mostram dados da Universidade do Estado de Mato Grosso que tem 54 disciplinas e somente uma referindo-se ao ensino de geografia. Este dado se repete em diversas universidades do país e é refletido na defasagem do ensino geográfico. A consequência disso está nos alunos com pouco ou nenhum conhecimento geográfico.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no 3º ano do Ensino Fundamental, a habilidade EF03GE01 orienta que os alunos devem “utilizar diferentes fontes para se localizar e representar a localização de pessoas e lugares, como mapas, croquis, maquetes e plantas, observando as convenções cartográficas (legendas, símbolos, cores etc.)”. Infelizmente, momentos e atividades deste tipo nem chegam a ser vivenciados ou, mesmo que sejam, não formulam um aprendizado significativo, já que o ensino se encontra fragmentado. Mesmo que haja interesse pela parte docente, atividades pontuais ou feitas fora do contexto não contribuem para uma aprendizagem efetiva.

Quando se tem um ensino verdadeiramente efetivo no âmbito da geografia como objetivo, cabe ao professor exercer autonomia. Para isso, é essencial a profissionalização, que Libâneo (2004) explica como o processo de adquirir saberes e competências para exercer a função de forma eficaz. Juntando este pensamento ao de Batista (2021), sobre autonomia docente, podemos entender a importância do desenvolvimento de uma autonomia intelectual do professor. Isso permite que os alunos aprendam de forma integral, efetiva e interdisciplinar. Este movimento, possibilita o despertar de cidadãos críticos e reflexivos. Os professores já não têm uma base sólida na graduação e pode haver uma falta de interesse natural; por isso é interessante ainda que os docentes busquem cada vez mais fortalecer seus conhecimentos e competências individuais. Ainda na pesquisa citada anteriormente, Silva e Silva (2021) mostram que os professores de uma escola observada garantiram, quase que em sua maioria, os conhecimentos geográficos de forma autônoma, fora da graduação. Este não é o modelo





ideal nem onde se reflete a capacidade de autonomia docente, que se expressa na forma de repassar este conhecimento.

Após passar por estas dificuldades, está colocado diante do professor a tarefa de ensinar ao aluno. Uma forma de atingir este objetivo com êxito está em pesquisar diferentes metodologias e entender o ambiente escolar em que está inserido, envolvendo os estudantes em todo o processo, fortalecendo assim a aprendizagem desde os anos iniciais do ensino fundamental.

Ao refletir sobre o ensino de geografia em sua multiplicidade, Moreira (2012) e Cavalcanti (2016), dividem a Geografia em três dimensões:

[...]Moreira (2012) propõe a existência de três geografias: a real, do entorno empírico; a teórico-conceitual, dos discursos; e a acadêmica, das instituições de ensino e pesquisa. Nesse arranjo, a segunda é responsável pelo estabelecimento do diálogo entre as outras duas. Enquanto estruturas específicas, distintas, mas que têm como referência principal a ciência geográfica, Cavalcanti (2016) também aponta a existência de três Geografias: a geografia cotidiana, a Geografia acadêmica e a Geografia escolar. (Apud Batista, 2021 p.258)

De modo geral, esta divisão permite a reflexão de como a geografia é dividida e, segundo Batista, a geografia escolar está no meio, na real empírica ou cotidiana, existindo uma ponte entre o que é ensinado na academia e o que chega nas escolas. Mas a geografia escolar, ainda segundo a autora, não devia ser um fruto do que vem da universidade, mas construída pelo professor pelas suas vivências, conhecimentos e relações já existentes com a geografia. O conhecimento deve ser, neste sentido, colaborativo entre professor e aluno. Aqui, mais uma vez, se reflete a autonomia docente: uma geografia própria deve ser criada, uma que comunique a realidade dos estudantes e que traga reflexões Batista (2021).

A geografia é uma ciência social, por isso leva os estudantes a se visualizar como agentes sociais e deve ser valorizada em toda trajetória escolar, assim como Novas afirma:

A Geografia deve ser ensinada desde as séries iniciais, pois essa disciplina escolar permite compreender a dinâmica do espaço social contemporâneo, qualquer que seja a escala de análise. [...] A Geografia, nas séries iniciais, tem uma contribuição a oferecer: a de alfabetizar geograficamente os alunos, desenvolvendo neles a capacidade de observar, ler, compreender o meio, uma vez que o educando deve





atuar de maneira cidadã na sociedade (NOVAES, 2005, p. 08, apud SILVA e SILVA,, 2012, p. 258).

É possível através deste pensamento conferir que tais competência e saberes são sim indispensáveis e por isso o docente deve orientar e encaminhar os alunos, mediando seus caminhos também a uma autonomia intelectual do estudante, sendo interdependentes. A autonomia discente aqui depende da do professor que deve ser fortalecida, e não estática, somente transmissiva, mas viva, rompendo estigmas (Batista 2021).

Para que seja atrativa aos alunos e quebre o ciclo de desvalorização existem alguns métodos quando se trata do ensino geográfico, entre eles colocar o aluno em primeiro plano como diz Silva:

[...] sugere-se que o professor inicie o processo de ensino-aprendizagem da Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental a partir da vida do aluno, ou seja, que leve em conta a realidade do aluno, considerando o espaço vivenciado e visível, e que esse processo seja construído numa perspectiva crítica. (Silva e Silva 2021 p. 264)

Usar mapas digitais ou convencionais das localidades em que a escola está inserida, por exemplo, colocar o estudante no centro deste processo, fazendo com a turma o trajeto delas de suas casas até a instituição de ensino. Observar a fauna e a flora de sua localidade. Questionamentos sobre os motivos e diferenças de locais se encaixam nesta perspectiva de colocar o aluno como protagonista e construir, nessa lida, uma geografia própria. respeitando a aprendizagem e seus processos sendo o erro um deles

Não se pode através de um amontoado de assuntos, ou lugares (partes do espaço), de temas soltos, sempre defasados ou de difícil compreensão pelos alunos (muitas vezes inacessíveis). Não pode apenas através de descrições de lugares distantes ou de fragmentos do espaço. (Callai 1998 p.58, apud Castrogiovanni, 2000, p.94)

Se faz, então, essencial ver o aluno como protagonista; entendendo os limites e processos no caminho ao conhecimento geográfico; os conteúdos devem dar oportunidade às crianças de exercer também sua cidadania, de se enxergar inteiramente no processo educativo.

Por fim, é fundamental compreender os processos de ensino da geografia, garantindo o desenvolvimento da autonomia docente e abrindo espaço para as reflexões e





questionamentos dos estudantes do ensino fundamental. Além disso, é necessário pensar na formação dos professores, aprimorando os cursos de Pedagogia para que promovam uma formação integral. Essa formação deve refletir cada vez mais a interdisciplinaridade e a polivalência docente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa atividade foi produzida e aplicada na turma do 5º ano do ensino fundamental em uma escola localizada na cidade do Recife e tinha com um dos objetivos localizar e identificar os corpos hídricos próximos à escola, como o Rio Capibaribe, utilizando o Google Earth, a partir disso, discutir e compreender a importância desses corpos hídricos para a comunidade local, além de levantar uma reflexão sobre a importância do sujeito para a comunidade que ele habita. “As relações sociais que ocorrem se materializam em edificações que podem ser observadas fisicamente. São as paisagens dos lugares. E se existe uma materialização física da vida, cabe-nos na Geografia fazer o estudo e interpretação desta realidade[...].” (Castrogiovanni 2000, p.93-94). Neste sentido, pensar geograficamente a partir das estruturas e situações que nos permeiam são de extrema importância para a construção de uma consciência espacial, além de dar oportunidade para o pensamento crítico e subjetivo do lugar e espaço.

Buscamos através do conhecimento geográfico traçar uma corrente de diálogo entre os estudantes e o local onde eles vivem. Abordamos assim a importância de estudar os impactos da poluição nesses rios e propor soluções para a purificação da água e assim, construir um filtro caseiro de água como atividade prática de culminância.

Foi construído um plano de aula que consistia em aula expositiva dialogada sobre os corpos hídricos e em especial o rio capibaribe que é o rio próximo dos estudantes, foi realizada uma roda de conversa sobre os conhecimentos prévios sobre os corpos hídricos e sua importância e com o auxílio de um vídeo do youtube, aprofundamos esses conceitos. Percebemos uma interação muito boa entre as crianças, e elas falavam com propriedade sobre o tema e seus impactos, tendo em vista que alguns deles viviam próximo do rio capibaribe e sentiam o impacto de forma presencial. Eles leem o local onde vivem, assim como Callai (2005) afirma ao dialogar sobre a alfabetização espacial “[...] a gente lê o mundo ainda muito antes de ler a palavra, a principal questão é exercitar a prática de fazer a leitura do mundo.”



Os estudantes são seres sociais e estão a par da sua realidade, são observadores e agentes ativos dos processos que ocorrem ao seu redor.

Após comentarmos um pouco sobre o vídeo utilizamos o chromebook da escola para traçar o caminho da escola até uma margem do Rio Capibaribe pelo Google Earth, plataforma que oferece um modelo tridimensional do planeta terra através de uma imagem de satélite. Imediatamente ao abrirmos o link os estudantes se empolgaram com o fato de estarmos vendo a escola em que estudam. Com o auxílio do televisão transmitimos a imagem por um tablet para ensiná-los a usar o recurso da plataforma google. Explicamos que o caminho da linha amarela devia ser seguido e que eles deveriam ir pela rota criada. Durante o processo vários alunos comentaram que passavam pelas ruas mostradas ou até que viviam ao redor da localidade.



Figuras 1 e 2 - Exibição do trajeto da escola até o rio, alunos participando da atividade.

Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Callai (2005) nos convida a entender o espaço vivido - como nosso bairro ou comunidade - não apenas como um fundo neutro onde acontece a vida mas como parte essencial da nossa existência. O lugar está cheio de relações sociais, afetos, histórias e significados. Permitir que os estudantes pensem o lugar onde vivem como algo essencial para sua formação social, como um sujeito crítico e reflexivo. Fortalecendo o sentimento de identidade. O momento citado acima, reproduz de forma viva esse sentimento de reflexão local; Os estudantes nos comunicavam situações e momentos que permeiam sua vida em relação ao rio e sua comunidade.



Em seguida foi aplicado um formulário de verificação de aprendizagem. Foi informado aos estudantes que a aplicação era apenas simbólica e não daria, nem retiraria nenhum ponto deles. Por ser uma turma de 5º ano, a expectativa era de que tais conceitos já estivessem consolidados, tendo em vista que a BNCC coloca que a fase de aprender sobre corpos hídricos é durante o 2º e 3º ano, por meio das habilidades: EF02GE01, EF03GE03, EF03GE07. E sobre a filtração da água no 4º ano conforme a habilidade EF04CI05. O cenário observado foi diferente do esperado: nosso principal resultado foi uma média de 5 pontos em um formulário cuja pontuação máxima era 10. Esse resultado nos leva a refletir sobre a forma como o ensino de Geografia tem sido sistematicamente escanteado no sistema educacional, desde a falta de espaço adequado na grade curricular até a pouca valorização da disciplina no cotidiano escolar. Como aponta Libâneo (2004), a ausência de espaço adequado para determinados componentes curriculares reflete uma falta de intencionalidade no projeto educativo, o que compromete a formação integral dos estudantes.

Imagem 3 - Gráfico com representação de acertos.



Fonte: Dados coletados e organizados via google forms pelas autoras, 2025.

Em um segundo encontro com a turma é que se dá o segundo momento dessa sequência didática, retomamos alguns pontos abordados e conversamos sobre “A jornada da água: do rio até nossa casa”, voltamos a questioná-los sobre o que eles sabem sobre o tema, e como a água chega nas nossas casas, quem é a empresa responsável por essa distribuição, se a água vem diretamente do rio ou se passa por algum processo de purificação. Com o auxílio



recurso expositivo slide, apresentamos aos estudantes o processo que a água passa desde o rio, até nossa torneira. Apresentamos as Estações de Tratamento de Água (ETA), e que as estações localizadas na parte do rio Pirapama e rio Tapacurá são as utilizadas como fonte de distribuição de água para a cidade do Recife, voltamos a pontuar a poluição do rio capibaribe e que a água dele não é utilizada para a distribuição da água devido ao alto índice de poluição, mas que isso não diminui sua relevância, tendo em vista que é habitat de uma grande diversidade de espécies da fauna e flora pernambucana. Destrinchamos todo o processo de filtração da água, apresentando para eles as etapas de limpeza que a água passa: coagulação, decantação, filtração e desinfecção. Cada etapa foi conversada de forma aprofundada. Pontuando que algumas vezes uma dessas etapas pode falhar e os possíveis fatores e consequências, como fortes chuvas e a água sair da torneira com cor, respectivamente.

Trouxemos essas reflexões para que eles percebam que não é um processo simples, e que a água é um recurso necessário e inegociável ao ser humano, mas que é finito. Adentramos na discussão da não poluição, formas de reutilizar a água como utilizar a água usada para lavar roupa para dar descarga e formas de diminuir o desperdício de água.

Para encerrar nosso projeto, levamos materiais para construção de um filtro caseiro: algodão, areia, pedra, carvão e água. O filtro foi montado em conjunto, como só montamos uma unidade, tentamos fazer com que todos participassem ativamente da construção. Todos queriam participar, mas foi necessário escolher alguns e cada um dos escolhidos montou uma parte.



Figura 5 - Observação coletiva do processo de filtragem da água.

Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2025





A culminância também representou a observação de um experimento científico, já que podemos construir hipóteses e analisar os resultados daquilo que foi realizado no dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada evidencia o potencial transformador de práticas pedagógicas que articulam teoria e prática, especialmente no ensino de Geografia nos anos iniciais. Ao envolver os estudantes em atividades investigativas, tecnológicas e experimentais, foi possível promover reflexões significativas sobre o espaço vivido, os recursos hídricos e a importância da água como bem comum.

Apesar de os resultados do formulário de verificação apontarem lacunas no domínio dos conteúdos esperados, a atividade despertou o interesse e a participação ativa dos alunos, revelando que a aprendizagem significativa ocorre quando os conteúdos se relacionam com a realidade do estudante. A construção do filtro caseiro, como culminância, proporcionou uma vivência prática do processo de filtração da água, reforçando conceitos discutidos ao longo do projeto.

Essa prática confirma o que afirmam autores supracitados como Libâneo (2004), ao destacar a importância da intencionalidade no projeto educativo e Callai (2005), que defende a leitura do mundo como ponto de partida para o aprendizado geográfico. Além disso, Batista (2021) reforça que o desenvolvimento da autonomia docente é essencial para que o professor exerça uma prática reflexiva, crítica e conectada à realidade dos alunos.

Assim, reforçamos a importância da valorização do ensino de Geografia desde os anos iniciais e da formação docente voltada para a autonomia, interdisciplinaridade e criticidade. Projetos como este mostram que é possível desenvolver práticas educativas mais conectadas com a realidade dos alunos e com os desafios sociais e ambientais do mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017.
Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 20 maio 2025.





LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5. ed. rev. e ampl. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

BATISTA, Edimar Eder. **Geografia escolar, educação geográfica, autonomia docente e questão conceitual: tecendo ligações**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 11, n. 21, p. 05-27, jan./dez. 2021. Disponível em: (<http://www.revistaedugeo.com.br>).

SILVA, Tânia Paula; SILVA, Laura Regina. **O ensino da Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental: reflexões sobre formação e práticas pedagógicas**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 8, n. 15, p. 242-265, jan./jun. 2018. Disponível em: (<http://www.revistaedugeo.com.br>).

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org.); CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000. 172 p. ISBN 8587063405.

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cadernos CEDES, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 20 de maio. 2025

